

**Pedro Henrique Domingues
de Lima**

Universidade Federal
Fluminense (UFF). Companhia
das Índias, Instituto de História
(graduando). Niterói, RJ, Brasil.
ph_domingues@id.uff.br
[https://orcid.org/0000-0002-
5665-4949](https://orcid.org/0000-0002-5665-4949)

Retalho de um saber setecentista: nativos, ciência e mito no *Discurso [...] sobre os índios da América*

*Retail of a 18th Century
Knowledge: Natives, Science and
Myth in the Discurso [...] sobre
os índios da América*

Resumo: Matéria bastante intrigante, o *Discurso [...] sobre os índios da América* traz observações acerca dos povos, topografia e minerais da capitania do Mato Grosso, mesclando um saber inspirado na Ilustração com representações mitológicas. A presente pesquisa constatou um erro de catalogação no documento, que constitui importante peça de estudo da penetração das Luzes em Portugal e no Brasil. Esta fonte também permite entrever o imaginário construído sobre os ameríndios no Setecentos. Mas as possibilidades de análise não se esgotam aí.

Palavras-chave: História da Ciência; História Indígena; Ilustração em Portugal.

Abstract: Quite intriguing matter, the *Discurso [...] sobre os índios da América* brings observations about the natives, topography and minerals of the captaincy of Mato Grosso, mixing a rational knowledge with mythological representations. This research found a cataloging error in the document, which constitutes an important piece of study about the Enlightenment influences in Portugal and Brazil. It also allows us to glimpse the imagery built on the indigenous people of the Americas in the 18th century. But the possibilities for analysis do not end there.

Keywords: History of Science; Indigenous History; Enlightenment in Portugal.

Parte da livraria dos condes de Linhares, outrora situada no palácio de Arroios, em Lisboa, atravessou o Atlântico após um grande leilão realizado no ano de 1895¹. Neste acervo, havia mais de 14 mil manuscritos e impressos adquiridos desde meados do século XVIII, quando Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho (1726-1780), ex-governador de Angola e embaixador na Espanha, iniciara a coleção. Seu filho, d. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812), 1º conde de Linhares, fazia parte de uma elite letrada e possuía interesse especial no Brasil pela atuação como ministro de Portugal, o que explica a grande incidência de títulos que versavam exclusivamente sobre a América portuguesa, sobretudo nos campos científico e geográfico².

Aproximadamente 75 peças foram adquiridas pelo governo brasileiro através do ministro plenipotenciário em Portugal, Assis Brasil, numa época de reaproximação diplomática entre os dois países³. Não há dados sobre os valores dessas compras, realizadas sob ordens do Ministério das Relações Exteriores, interessado em documentos que auxiliassem no esclarecimento das fronteiras brasileiras. Este parece ser o caso do *Discurso pronunciado provavelmente pelo marquês de Alorna, perante a Real Academia das Ciências, sobre os índios da América*⁴, manuscrito hoje depositado na Biblioteca Nacional do Brasil (BNB), que, além de outras informações, descreve os limites de rios e lagoas da capitania do Mato Grosso.

Pelo título, no terminal de consulta *online* da BNB⁵ e no catálogo da coleção Linhares editado por Carmen Moreno⁶, sua autoria é atribuída à Pedro Miguel de Almeida Portugal, 1º marquês de Alorna (1688-1756), o que representa um erro de catalogação, pois o nobre faleceu antes da fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779). Ao que parece, o documento pode ser uma cópia da *Memória sobre os Homens Selvagens*

¹ Provavelmente devido ao endividamento da família, que lutava para manter seu prestígio. Rodrigo Bentes Monteiro. *O códice endiabrado. Interpretação do Discurso histórico, e político (1720-2020)*. Tese para professor titular em História Moderna, Universidade Federal Fluminense, 2020, pp. 13-14.

² Cerca de 13% dos manuscritos eram relacionados ao Brasil e Maranhão. Idem, pp. 15-19.

³ A ruptura ocorrera após navios portugueses abrigarem rebeldes durante a Revolta da Armada, no Rio de Janeiro. Idem, pp. 13-15.

⁴ Biblioteca Nacional, Manuscritos, I-29, 13, 013 / MS-554 (1). [S.l.: s.n.]. 9 p.

⁵ Disponível em:

http://acervo.bn.br/sophia_web/acervo/detalhe/1442601?guid=1588608070214&returnUrl=%2fsophia_web%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1588608070214%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1442601%231442601&i=1. Acesso em 24 de abril de 2020.

⁶ Carmen Tereza Coelho Moreno. *Coleção Linhares*. Lisboa: CNCDP, 2000, p. 17.

na América que serve de introdução às Viagens⁷, discurso apresentado pelo astrônomo Antônio Pires da Silva Pontes Leme (1750-1805) aos sócios da Academia em 1792⁸. Ele acabava de regressar da terceira comissão demarcatória dos limites estabelecidos entre Espanha e Portugal no Tratado de Santo Idelfonso (1777), uma expedição pelas capitanias do Norte e Oeste brasileiros que durou mais de uma década⁹.

Essa viagem marca a construção de um saber inspirado na Ilustração em terras lusitanas, processo que teve início no reinado de D. João V (1707-1750), época de consideráveis avanços na cartografia do Império¹⁰. A partir dos inovadores cálculos longitudinais apresentados na França, amplia-se o conhecimento do ultramar português¹¹. Tal esforço seria retomado pelos astrônomos luso-brasileiros – como Pontes Leme, natural de Minas Gerais – no último quartel do século XVIII. Todos eles estudaram na Universidade de Coimbra, reformada em 1772 sob a batuta de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782),

⁷ Agradeço ao parecerista anônimo pela indicação do documento matricial, depositado na Academia das Ciências de Lisboa: Antonio Pires da Silva Pontes Leme. *Memoria sobre os Homens Selvagens da America Meridional, que serve de introduçam ás viagens de Antonio Pires da Silva Pontes Leme Prim.ro Ten.te do Mar da Armada Real, Doutor e Astronomo, e Correspondente da Real Academia de Lisboa*. [S.l.], 1792. 5 fls. de texto + 1 fl. em branco, nums. de 372 a 377. Memória não assinada, dedicada ao Duque de Lafões, Presidente da Academia e aos demais académicos. Academia das Ciências de Lisboa. Série Azul. Ms. 17.37.

⁸ O catálogo do leilão referencia livros de memórias da Academia, sem, no entanto, discriminá-las. Nele encontramos um trabalho de Pontes Leme, a *Memória sobre a extração do ouro das Minas do Brasil. Catalogo da importante livraria dos ex.mos srs. condes de Linhares*. Lisboa: Libânio da Silva, 1895, pp. 2 e 245.

⁹ Para um estudo amplo dessas viagens demarcatórias, ver Otávio Crozoletti Costa. *Ciência e poder no império português: uma análise das trajetórias de cinco astrônomos demarcadores de limites do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2019, pp. 21-93 (“O Tratado de Santo Idelfonso e os astrônomos na década de 1780”).

¹⁰ Sobre a influência do Iluminismo em Portugal na primeira metade do Setecentos, ver Júnia Ferreira Furtado. *Oráculos da geografia iluminista: dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D’Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012; para um período posterior, Pérciles Pedrosa Lima. *Homens de ciência a serviço da coroa. Os intelectuais do Brasil na Academia Real de Ciências de Lisboa. 1779/1822*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade de Lisboa, 2009, pp. 18-59 (“As Luzes com limites: Portugal”).

Uma síntese desse processo é feita em Ronald Raminelli. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008, pp. 66-79.

¹¹ Em 1720, o geógrafo francês Guillaume Delisle revoluciona o campo da geografia através da matematização e geometrização do Mundo. Este saber se adequava a nova ideia de soberania encarnada no conceito de *uti possidetis*, ou seja, dar a quem já ocupava a terra. Iris Kantor. “Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas”. *Varia Historia*, 37, 2007, pp. 77-80 e Júnia Ferreira Furtado, *Oráculos da geografia, op. cit.*, pp. 51-67, 276-281, 301-333 e 505-527.

cujo governo pretendia reformular a economia colonial¹². Para tanto, era necessário formar um quadro de “homens de ciência” que reuniram o máximo de informações sobre as colônias¹³.

Conhecer limites e potencialidades dos territórios, tais eram os principais objetivos da coroa no estímulo às atividades científicas, que pareciam não admitir fronteiras entre as disciplinas¹⁴. O manuscrito em tela expressa essa ampla erudição: latitudes e topônimos se misturam a minerais¹⁵ e menções aos nomes dos naturalistas Lineu e Buffon, além, da descrição dos povos nativos da capitania do Mato Grosso. Na Academia das Ciências de Lisboa, não eram raros os estudos sobre as comunidades indígenas. Neles, transparecia o interesse estatal em preservar seus domínios, necessitando, para esses fins, da cooperação dos ameríndios¹⁶. Eles são retratados no MS-554 (1) como seres incivilizados e até canibais, próximos ao estágio evolutivo de sociedades que cultuavam heróis como Hércules, Perseu e Jasão. Contudo, são considerados irmãos dos portugueses e necessitam do socorro da Academia. Há também uma veemente crítica à atuação dos Diretores, cargo instituído pela Lei do Diretório dos Índios de 1757¹⁷. Como fundamento da acusação, o autor

¹² Ronald Raminelli, *Viagens ultramarinas*, op. cit. pp. 61-66; e Péricles Pedrosa Lima, *Homens de ciência*, op. cit. pp. 32-42.

¹³ Atuando como verdadeiros “agentes do império”, que podiam ser recompensados com privilégios e mercês. Pontes Leme, por exemplo, seria nomeado governador da capitania do Espírito Santo em 1798. Otavio Crozoletti Costa, *Ciência e poder*, op. cit. pp. 174-193; e Ronald Raminelli, *Viagens ultramarinas*, op. cit., pp. 66-69, 123-124 e 135-176. Essas informações envolviam também os estudos da natureza. Maria Elice de Brzezinski Prestes. *A investigação da natureza no Brasil-colônia*. Dissertação de Mestrado em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, 1997; e Clarete Paranhos da Silva. *Garimpando memórias*, as ciências mineralógicas e geológicas no Brasil na transição do século XVIII para o XIX. Tese de Doutorado em Ciências, Universidade Estadual de Campinas, 2004, pp. 15-104 (“O papel da História Natural no processo de inserção do império português no contexto científico ilustrado”).

¹⁴ Ângela Domingues. “Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2001, pp. 823-825.

¹⁵ Aspectos que também coadunam com a formação letrada e os interesses do 1º conde de Linhares. Nívia Pombo Cirne dos Santos. *Dom Rodrigo de Sousa Coutinho. Pensamento e ação político-administrativa no império português (1778-1812)*. São Paulo: Hucitec, 2015.

¹⁶ Ronald Raminelli, *Viagens ultramarinas*, op. cit. pp. 7-14, 61-63, 69-84, 94-96 e 113-118; Péricles Pedrosa Lima. *Homens de ciência*, op. cit. pp. 60-87 (“A Academia Real das Ciências de Lisboa”).

¹⁷ Dispositivo marcante da política indigenista pombalina. Fátima Martins Lopes. *Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o diretório pombalino no século XVIII*. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2005, pp. 65-81. Críticas aos Diretores eram frequentes na documentação da época. Patrícia Maria Melo Sampaio. *Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011, pp. 209-226 (“Refazendo o Diretório”).

cita uma passagem do *Sermão da Epifania*, obra atribuída ao jesuíta Antônio Vieira (1608-1697).

Impressiona esse amálgama de referências em um discurso proferido no espaço onde mais se sentia a influência das Luzes em Portugal¹⁸. Soma-se a tal quadro uma intrigante imagem cartográfica, o “Xerayes”¹⁹, que surge no Seiscentos como um grande lago fabuloso com ricas cidades, montanhas de prata e índios possuidores de metais preciosos, ligando as bacias do Amazonas e Rio da Prata²⁰. Para alguns autores, o mito do Xarais foi abandonado pela cartografia portuguesa ainda no século XVII, mas sua representação cartográfica permanece no Setecentos²¹. Antônio Pontes Leme escreve, em 1786, a memória intitulada *Notícias do Lago Xerayes*²², quando já se sabia que o lago era, na verdade, a paisagem alagadiça do Pantanal.

Tais elementos tornam o *Discurso [...] sobre os índios da América* uma matéria intrigante, sobretudo se consideramos a autoria do astrônomo mineiro, representante da primeira geração formada no curso de Matemática em Coimbra. Pontes Leme produziu trabalhos mineralógicos, atuou, como vimos, na demarcação do Tratado de Madri, foi membro da Academia das Ciências, lecionou na Academia da Marinha e compôs, a pedido do 1º conde de Linhares, a carta geográfica *Nova Lusitânia*²³. Sua trajetória testemunha a promoção da atividade científica em Portugal, que se deu atrelada aos interesses régios, mas nem por isso deixou de absorver as novidades da Ilustração.

Como expressão de uma época, de um lugar social e de uma classe, este documento combina aspectos da racionalidade iluminista com representações mitológicas. Interessa prosseguir sua investigação, explorar outras possibilidades de pesquisa e realizar um exame material aprofundado, com vistas a entendermos melhor seu caráter. Afinal, trata-se de uma cópia coeva ou posterior à 1792? Teria sido ela um rascunho preparatório da apresentação na Academia? São questões que podem ser

¹⁸ Péricles Pedrosa Lima, *Homens de ciência*, op. cit. p. 70.

¹⁹ Rio de Janeiro, BN, M, I-29, 13, 013 / MS-554 (1), op. cit. p. 7.

²⁰ Mária de Fátima Costa. “De Xerayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico”. *Revista do IEB*, 45, 2007, pp. 21-36, 2007; Júnia Ferreira Furtado, *Oráculos da geografia*, op. cit. pp. 435-440.

²¹ Principalmente como estratégia diplomática, já que tornava o Brasil uma “ilha” no interior da América. Iris Kantor, “Usos diplomáticos”, op. cit. pp. 70-80.

²² Maria de Fátima Costa, “De Xerayes ao Pantanal”, op. cit. pp. 33-34.

²³ Clarete Paranhos da Silva, *Garimpando memórias*, op. cit. pp. 112-114; Iris Kantor, “Mapas em trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822)”. *Araucaria*, 24, 2010 pp. 110-123; e Ronald Raminelli, *Viagens Ultramarinas*, op. cit. pp. 77-78 e 161-162.

resolvidas mediante análises sobre o tipo de papel, marca d'água, tinta e caligrafia do manuscrito.

Referências

- Catalogo da importante livraria dos ex.mos srs. condes de Linhares*. Lisboa: Libânio da Silva, 1895.
- COSTA, Mária de Fátima. "De Xerayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico". *Revista do IEB*, 45, pp. 21-36, 2007.
- COSTA, Otavio Crozoletti. *Ciência e poder no império português: uma análise das trajetórias de cinco astrônomos demarcadores de limites do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2019.
- DOMINGUES, Ângela. "Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), pp. 823-838, 2001.
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Oráculos da geografia iluminista: dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- KANTOR, Iris. "Mapas em trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822)". *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, 24, pp. 110-123, 2010.
- KANTOR, Iris. "Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas". *Varia Historia*, 37, pp. 70-80, 2007.
- LIMA, Pérciles Pedrosa. *Homens de ciência a serviço da coroa. Os intelectuais do Brasil na Academia Real de Ciências de Lisboa. 1779/1822*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade de Lisboa, 2009. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/514/3/20177_ulfl064849_tm.pdf. Acesso em 9 de abril de 2020.
- LOPES, Fátima Martins. *Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o diretório pombalino no século XVIII*. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7480/1/arquivo7819_1.pdf. Acesso em 26 de março de 2020.

- MONTEIRO, Rodrigo Bentes. *O códice endiabrado. Interpretação do Discurso histórico, e político (1720-2020)*. Tese para professor titular em História Moderna, Universidade Federal Fluminense, 2020.
- MORENO, Carmen Tereza Coelho. *Coleção Linhares*. Lisboa: CNCDP, 2000.
- PRESTES, Maria Elice de Brzezinski. *A investigação da natureza no Brasil-colônia*. Dissertação de Mestrado em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, 1997.
- RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008.
- SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- SANTOS, Nívia Pombo Cirne dos. *Dom Rodrigo de Sousa Coutinho. Pensamento e ação político-administrativa no império português (1778-1812)*. São Paulo: Hucitec, 2015.
- SILVA, Clarete Paranhos da. *Garimpando memórias, as ciências mineralógicas e geológicas no Brasil na transição do século XVIII para o XIX*. Tese de Doutorado em Ciências, Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/287654/1/Silva_Clarete_Paranhosda_D.pdf. Acesso em 8 de abril de 2020.

Recebido em: 19 de maio de 2020.

Aceito em: 21 de agosto de 2020.

Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), Manuscritos, I-29, 13, 013 / MS-554 (1).

“Discurso pronunciado provavelmente pelo marquês de Alorna, perante a Real Academia das Ciências, sobre os índios da América”.

[p. 1] Ex.mo S.or Duque Prezidente: Illustres Senhores Socios. Hoje, que pela primeira vês tenho a honra de falar nesta Illustre Companhia dos mais apreciaveis Individuos de huma Nação Espiritual, seja-me permitido reflectir perante huma Sociedade, que tem por Diviza, o Amor dos seos semelhantes, e que desde as janelas deste Passo estende a sua vista á outra banda do Golfo Atlântico, que o Portuguez Illuminado hé hum homem de todas as Nasçoens, de todos os Continentes; branco na Europa, preto em Guiné, e côr de terra na America. Seja-me pois permitido reflectir que tendes Irmãos naõ longe aqui de vós, e que nessa parte do Mundo vegeta o Coraçã dos homens com o Codyledôn de todas as virtudes sociaveis: elles tem sobre vós a mais reverente atençaõ, porque desde aqui vos começais a interessar por elles: daqui lhes ensinaes a conhecer as riquezas espontaneas, que lhes offerece inutilm.^{te} a sua terra, faltando as mãos da arte; suas debeis culturas naõ setiraõ do pequeno Recinto do consumo ordinario, ou de huma raiz, ou de hum graõ cereal, que inda a sua maior parte fazem fermentar para encher de fumo esse vácuo do cerebro que atormenta o homem no triste Estado da ociozidade, e da ignorancia, e de que já a Historia Sagrada nos offereceria provas no Cap. 9. vers. [ilegível] e se pois, Illustres Exemplares, de huma Metropoli Benigna, olhaes o homem nascido na America com aquelle interesse que vedes hum Parente próximo, que nasceo em distante terra, e vedes nelle o ar de familia, o som da vós, ás vezes, e inda mal que muitas, os defeitos do Corpo, certos caprichos, certas aversoens, que tudo prova a sua affinidade, a sua origem, se pois conhecemos no Portuguez Americano o assento da linguagem de há tres seculos, que hoje hé risivel, más hé o de nossos 8.^{os} ou 7.^{mos} Avós, se pois conheceis o In. [p. 2] Indigena Americano, o Indigena Africano, como Irmãos de hum mesmo Pay; se em huma mesma família que somos sobre a face da terra, os desmanchos, os desvarios dos nossos proximos Parentes pedem ainda mais a nossa compaixaõ, o nosso interesse, os nossos conselhos do que os governados, os sobrios, os abundantes, qual naõ será o meo respeito, a minha reverencia por huma Academia como esta! que vai tomar a tutela dos salvagens que se andaõ comendo huns aos outros pelos bosques frondozos, e pelas Campinas floridas do Vasto Continente da America Meridional: estes nossos Irmaõs guiados pela primeira fantazia da grandeza do homem, que hé o defender así, e aos seos filhos tenros, e

suas famílias nascentes, das garras de terríveis feras que habitam conosco a terra, e das insidiosas ciladas dos Anfíbios vorazes, que moram pelas Regiões húmidas, e que sabem occultar-se no seio de hum Elemento de primeira necessidade ao homem: a grandeza, a gloria, a Reputação que merece no centro desta familia invalida, hum homem della, que a poem ao abrigo de hum insulto, que não tem outro recurso que aquelle braço; faz do homem natural, hum Ente Estranho, hum Ente contraditorio nos seus procederes: elle compassivo ao excesso arroja a sua vida ao Dicto amplissimo, e temeroso do Cocodrilo; ao laço horrivel da Giboia, á ligeireza da feroz onça, pelo seu filho, por sua mulher, por sua Mãe: the aqui elle sente como nós, elle hé digno de tomar assento neste Gabinete da Razaõ polida; a fantasia o engana, no mesmo instante, e á vista de outra familia dos seus semelhantes se torna em hum animal o mais Carniceiro da terra, da agua, ou do ar; acomete o Pay, o defensor da outra Tribu, matao a elle, a sua mulher, [p. 3] a seus filhos tenros, tira-lhes a carne dos ossos com cruel pericia, assa-os, comeas; dellas alimenta a sua Caza que o admira, e aplaude; e se parece compassivo a perdoar algumas vidas do seu semelhante, hé para a econômica distribuiçãõ de os comerem mais frescos dahi a dias, tractando-os com a profuzãõ das fructas, de bebidas, e de Caça de seu gosto.

Quem dirá que este homem hé o primeiro? que este homem hé homem? Contudo nesta Assembleia, nesta morada da Razaõ todos conhecem que este homem hé taõ animado da gloria justa que lhe resulta de hum Bem Real que acabou de fazer aos seus Domesticos imbelles, <na sua defesa>, como os Pays da Patria que nós veneramos, deste principio emq.^e elle se equivocãõ não já com Affonsos, com Sanchos, com os Grandes Joãos de Portugal, porque inda a sua gloria hé ganhada sobre nossos Irmaõs, e Agarenos, rebeldes; más com Persêo, Jasôn, Hércules, Esculápio cujos serviços foraõ feitos à Patria commum à Especie na sua Origem, antes dos Imperios, antes dos Romanos, antes dos Godos! ... o homem veio por ultimo á terra, a Religiaõ revelada o ensina; e se a Ordem successiva foi sempre dos animaes innocentes primeiro, e a dos destruidores por ultimo, o homem salvagem tem muitas características desta sua qualidade; más sem esses Heroes cujos nomes conserva a Tradiçãõ Profana, o Leaõ Nemeo, a Sphynge, a Hydra, o Javalý, a Pantêra, e outros Antecessores dos Persas, Assirios, Godos, Tartaros, Sarracenos teriaõ acabado com a nossa raça logo no seu berço: a proa da Força caminha a industria, e a Especie humana celebra a par da Divindade os primeiros Bemfeitores: Cêres que os ensina a tirar da Semente... [p. 4] Semente de huma grama o seo mais proprio alimento, Amsiaõ que os convida a viver em Commum, Esculapio que distingue no meio dos

venenos os socorros para o homem enfermo, são hoje sucedidos pelos Sabios de Europa, pelos Botânicos, pelos Chymicos, pelos Geòmetras, pelos Astrònomos, enfim por vós mesmos Illustres Academicos de Lisboa: se vós tendes virado o rosto sobre esta porção de homens salvagens e féros, que não hé separada do antigo Continente se não por treze léguas de mar do Estreito de Berings, e que as Ilhas de S. Diomedes fazem ainda mais curto o trajecto da Azia para elle; se pois hoje não hé permitido insultar a nossa Razaõ negando o sentimento aos Brutos, como há trinta annos se dizia, nem o negar à humanidade ao Americano, como há tres Seculos se questionava entre os Theologos Hespanhoes; hé certo que me dais confiança a offerecer por premicias destas sessoens o presente Retalho do trabalho geografico em que fui empregado por espaço de dés annos e onze mezes; eu conheço na ordem inversa da minha viagem a apresentação das Cartas, começando esta pelas fontes do Rio das Amazonas, que são communs com as do Rio da Prata; nella se vem marcados os nomes e dstrictos dos nossos semelhantes, que vivem dispersos no triste estado de Salvagens, sem que tirem partido algum de suas deliciozas posseçoens pela Cultura; felismente para elles a familia das Palmas lhes subministra ali como em outras Provincias o seu sustento, o seu regalo, a sua Caza, os seos óleos, o seu vinho, as suas Cordas, os seos Cestos, o seu Calçado, os seos Vazos, a sua Lenha, e o seu Reparo: vereis que no meio da America Meridional no Centro de Gravidade senão he também o defigura do Triangulo Espherico, q.^e forma... [p. 5] a America Meridional florece o Sal muriatico pelas Campanhas, os Lagos Salgados, as Minas a que chamaõ barreiras deste preciozo Sal, que faria pela sua falta inhabitaveis talvês aquellas distancias das Regioens Maritimas; vereis enfim que neste fértil Paiz que esta Carta representa, há sobre as margens do fértil Rio Cuijabá 75 \$ [?] pessoas Portuguezas, e sobre as do Guaporé 5 \$ [?], e que tudo o mais hé não occupado, más vadeado de Indios salvagens, huns Antropofagos, outros Phytifagos amigos, ou inimigos huns dos outros; más todos prevenidos contra os Portuguezes; elles nos dizimaõ todos os dias, e os nossos a elles. Hum grande Ministro de Portugal, e socio desta Illustre Academia dizia há sete annos em humas Ordens que fizeraõ suspender a destruição dos Indios da Guianna Portugueza, que não se soube inda decidir de que parte está a Barbaridade, se da nossa, ou dos Salvagens, más se nós hoje temos a fortuna de que o nosso Ministerio pense desta forma, contudo, os pobres Salvagens por falta de instrucção por erro da nossa Especie continuaõ em comer-nos, e os nossos em matalos: não vos admire Illustres Senhores que hum Geografo, hum Matematico vos fale primeiro da parte moral desta Carta, que dos importantes assumptos Physicos della, das Latitudes,

e Longitudes dos Lugares notaveis, como Confluencias dos Rios, fontes delles, Cabos, e Promontorios, ou sobre a Campanha, ou sobre as margens dos Rios: as alturas destes montes huâs determinadas imediatamente pelos methodos dos Trigonometricos, outras pelas alturas dos Barometros, as diferentes escalas pelo Thermometro, a que a Athmosfera se iguala com os ventos que sopraõ de Sul, de Norte, ou de Leste, a variaçãõ do Magnete, as Es... [p. 6] Estaçoens do anno, tudo enfim o que faz o objecto do Observador Fizico, e Astronomico, o lível dos leitos dos Rios maiores deste Continente, o Isthmo que com poucos passos forma huma Peninsula do Brazil, entre o Paraguai, e o Amazonas, que desde a Linha Equinocial em que tem a foz do Norte, vai a outra foz aparecer aos 37° de Latitude Austral a Buenos Ayres na boca do Rio da Prata; estes e outros muitos assumptos seraõ o objecto de Memorias Particulares, sendo sempre de todos o interesse que deve fazer a Cauza da Humanidade na Ignorancia, e desamparo dos Indios Silvestres, que se achaõ inda no Estado em que o P^e Vieira os descreve com a elegancia e verdade do seu estilo: seja-me licito uzar pois das palavras daquelle texto, quando fala das Povoaçõens dos Indios que hoje se achaõ pela Rapacidade dos Directores, pela mal entendida liberalidade dos Governadores, pela bruteza artificial em que os criaõ inda mais miseraveis do que o P^e Vieira os deixou, diz elle pois que se viria alli, " entre as pobrezas, e dezemparos, entre os ascos, e as miserias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente de quantas nasceraõ no Mundo; huma gente com quem meteo taõ pouco Cabedal a natureza, com quem se empenhou taõ pouco a arte e a fortuna, que huma arvore lhe dá o vestido, e o sustento, as armas, a Caza, e a Embarcaçãõ: com as folhas se cobrem com o fructo se sustentãõ, com os ramos se armaõ, com o tronco se abrigaõ, e sobre a Casca navegaõ " O mais que o P^e Vieira continua a dizer tem por objecto a Tirania e despotismo dos Governadores, más isso não hé do meu assumpto. Nesta mesma Carta se vê huma gran... [p. 7] grande parte do Lago Xerayes, e as Serras que acompanhaõ pela parte de Leste as margens do Rio Paraguay ate o Sitio do Escalvado onde falta a Serra, e a vêa d'agua do Rio, tõma de todo a Leste, e feito hum grande Arco, torna a vir ao mesmo Meridiano encontrar o prolongamento das Serras que lhe ficaõ já entãõ a Oeste, e tomaõ o nome de Serras da Gay'va; (pela grande Lagõa assim chamada) e daqui se estendem as ditas Serras the ao outro grande Lago conhecido pelo nome de Manioré, nome que lhe deraõ da Maniva brava <ou [jatropha] urcuy [?]>, que vegèta naquelles montes; aqui se vê correspondendo a estas Lagõas positivamente na Serra sobranceira a ellas muito mais elevada a eminencia do monte, e sobrepostos ao nivel das

montanhas primitivas as grandes massas, que se conhecem terem sido arrancadas daquelles vacuos em que hoje estão Lagos, e inversas as suas poziçoens com as formaçoens de Seixos, e pedregulhos quartiozos, que são da camada do nivel d'água do Rio, e do horizonte dos Lagos. São os montes formados de hum saxum rupestre, que hé a Matriz geral destas Serras da Gay'va, e Manioré, assim como dos outros do Paraguay de que falamos desde a Latitude de 14° Austral, the o Escalvado que está por 16° e 43' e desde estes da Gay'va que correm 17°: athe 20° pela parte Ocidental do Rio; hé pois esta Camada de Rupes assentada sobre huma que tem tres braças de profundidade, do d^{os} Seixos a que chamaõ os Mineiros Cascalhos, ordinaria formaçaõ do Ouro nas Minas Geraes: vê-se entaõ claramente quando se sobe ao mais alto monte que chamaõ o Cabeçaõ, sobranceiro a Lagôa Maniorè, ou Mandioem, que elle tem duas alturas das Serras vizinhas, e que acabado o cume, que vai de nivel com as primeiras, continua... [p. 8] continua nova camada de Serra da mesma especie, e que o pinaculo e partes extremas são todas cobertas nesta ultima Serra daquelles Seixos do Rio taõ glutinados, q' se quebraõ com o instrumento os quartzos, e seixos do Rio que ali estão sem se despregarem do seu gloten: a verdade deste objecto a quem sóbe á Montanha com olhos observadores; e do alto della descobre aquelle vacuo do Manioré, que se acha formando hum Lago de onze leguas de comprimento de Norte a Sul, e meia de largo em humas partes, em outras sinco he taõ palpavel, e falta a os olhos de maneira, que não há mais que duvidar; aqui se vem estas Serras, que conservaõ o genio das do Paraguay daquelle mesmo Meridiano em differente parallelo; os filoens calcáreos, e marmóreos, que desde a Latitude de 15 graus apparecem no continente de Matto Grosso nas vertentes do Paraguay, onde chamaõ o Cerro, e se estendem para o Sul ate 20 gr.. Vê-se outro filaõ que hé o 3° contando de Leste p^a Oeste todo de Silex, o que nos offereceo huma serra inteira de Agatha na boca da Gay'va Merim; em q^e me subi p^a observar aquella Maravilha, e estava povoada de Lontras, que nella criaõ os seos filhos, entaõ exclamei, que nenhum Soberano da Europa tinha huma Caza taõ precioza para seus Augustos Filhos, como estes pobres animæes Jethyophagos naquelle Certaõ. Neste Continente se vê guardada a Theoria du Mons^r du Bufon da Figura da Terra sobre a breve elevaçãõ dos montes Calcáreos, sendo com effeito pela terça parte dos outros; as Conchas sobre elles já petrificadas, o Sal muriático por estas terras de que remeti amostras a esta Real Academia, tudo prova que as Montanhas que hoje são os lugares mais distantes do Centro da terra, já foraõ productos maritimos, e criados como diz Linêo... [p. 9] Lineo pela via humida: se me for por vós permitido eu direi as minhas conjecturas, rezultado de taõ

longas viagens em que não deixei a Bussola da mão, e a barquinha se não para assentar o Quadrante Astronomico, e montar o pendulo.
Levi [periculum?] [derivati?] faccimis [?]